



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**(DES)CONSTRUINDO AMÉLIA: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE  
FEMININA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA**

BRUNA ARAÚJO DA COSTA

CAMPINA GRANDE – PB

2014

**(DES)CONSTRUINDO AMÉLIA: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA  
NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA**

BRUNA ARAÚJO DA COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado à Coordenação do Curso de Letras –  
Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da  
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título  
de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C837d Costa, Bruna Araújo da.  
(Des ) construindo Amélia: a constituição da identidade feminina na música popular brasileira [manuscrito] / Bruna Araújo da Costa. – 2014.  
16 f.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

“Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier, Departamento de Letras”.

1. Análise do Discurso. 2. Identidade de Gênero.  
3. Música Popular Brasileira. I. Título.

21. ed. CDD 401.41

**(DES)CONSTRUINDO AMÉLIA: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA  
NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA**

BRUNA ARAÚJO DA COSTA

**BANCA EXAMINADORA**

Manassés Morais Xavier NOTA: 9,5  
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UFCG)  
Orientador

Roberta Soares Paiva NOTA: 9,5  
Prof. Ms. Roberta Soares Paiva (UEPB)  
Examinadora

Teresa Neuma F. Campina NOTA: 9,5  
Prof. Ms. Teresa Neuma de Farias Campina (UEPB)  
Examinadora

Trabalho aprovado em: 21 de fevereiro de 2014

Média: 9,5

CAMPINA GRANDE – PB

2014

## (DES)CONSTRUINDO AMÉLIA: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

COSTA, Bruna Araújo da<sup>1</sup>

### RESUMO

Nosso trabalho objetiva apresentar como a identidade feminina vem sendo construída na música popular brasileira, mediante as letras “Ai que saudades da Amélia”, de Mário Lago e Ataulfo Alves, dos anos 1940, e “Desconstruindo Amélia”, de Pitty e Martin, de 2009, a fim de verificar como Sujeito, Língua e História influenciam na movência de discursos em relação à identidade feminina. Tal análise realizar-se-à pelo viés da AD francesa, à luz de estudiosos como Pêcheux (2008), Foucault (2008) e Orlandi (2008; 2000), além dos estudos de Bauman (2005), e Hall (2006; 2009) sobre identidade na pós-modernidade. Para tanto, utilizamo-nos de uma pesquisa de ordem descritivo-analítica através de leituras discursivas sobre as letras em questão. Tais leituras evidenciam que, com a contemporaneidade, a identidade feminina vêm sofrendo um processo de construção, desconstrução e reconstrução no âmbito do que é ser mulher na atualidade.

**Palavras-chave:** Discurso, Identidade Feminina, Música Popular Brasileira.

### INTRODUÇÃO

Conforme Bassanezi (2004), ao longo do tempo, as mulheres sofreram das mais variadas formas de submissão (ao seu senhor, ao seu pai, ao seu marido e até mesmo à sociedade). Todavia, mostra-se inegável a evolução e/ou transformação do papel/função da mulher na sociedade nos últimos sessenta anos.

Muito se tem discutido sobre a “evolução da mulher” na sociedade. Há uma diversidade de escritos acerca da mulher – a exemplo temos o livro *História de amor no Brasil*, Mary Del Priori - que lutou e conquistou espaço no mercado de trabalho em busca da independência financeira e da realização profissional e, por isso, foram alvo de críticas e questionamentos, veiculados nos mais variados gêneros midiáticos, como na música.

Podemos citar como exemplo, a famosa identidade construída da Amélia, uma mulher sem desejos e vontades, submissa ao seu marido e aos ditames impostos pela sociedade. Sendo assim, tal fato nos direciona para a seguinte problemática: como a identidade da mulher é construída, reconstruída e até mesmo desconstruída, levando em consideração duas músicas, “Ai que saudades da Amélia”, de Ataulfo Alves e Mário Lago, produzida nos anos 40, e “Desconstruindo Amélia”, de Pitty e Martin, produzida em 2009.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade Estadual da Paraíba.  
E-mail: [bruninha.costa19@hotmail.com](mailto:bruninha.costa19@hotmail.com).

Visando responder a essa questão, nosso trabalho se propõe a analisar ambas as músicas pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa e pelos estudos de Bauman (2005), Hall (2009; 2006) sobre identidade, pontuando os seguintes objetivos: a) Discutir conceitos mobilizados pela AD como Sujeito, Língua e História e b) Analisar a movência de discursos em relação à identidade da mulher para identificar a influência da História (acontecimento) na Língua (estrutura).

Para tanto, analisaremos comparativamente tais músicas. Esta análise realizará leituras discursivas da identidade feminina da Amélia se vinculando à pesquisa de ordem descritivo-analítica.

## **2 CONCEPÇÕES TEÓRICAS A RESPEITO DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA**

### **2.1 Análise do Discurso: algumas considerações**

A Análise do Discurso, como o próprio nome da teoria evoca, estuda o discurso. Conforme Brandão (1999, p. 17), “definida inicialmente como ‘o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado’, a AD se apóia sobre os conceitos e métodos da Linguística”.

O discurso na AD, segundo Orlandi (2000), é visto como palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo, observa-se o homem falando. Sendo assim, a Análise do Discurso não trabalha com a língua(gem) como algo fechado, mas como produtora de sentidos que vão/estão além do texto. O discurso é objeto de estudo da AD e a linguagem intervém como pressuposto.

Conforme Fernandes (2008, p. 13), o “discurso implica uma exterioridade à língua”, visto que não deve ser analisado puramente pelo aspecto linguístico, gramatical, mas também por aspectos externos à língua e que fazem parte de uma abordagem discursiva como os ideológicos e sociais, as condições de produção e todo um contexto onde este discurso está inserido.

A AD, ao analisar o discurso, ainda considera a situação discursiva e, principalmente, o sujeito discursivo atravessado pela língua, pela História e pela Ideologia, pontos estes que veremos adiante.

## 2.2 Discurso e Linguagem

Todos nós, ao falar ou ao escrever, somos produtores de discursos. Todavia, eles não se originam em nós, pois, conforme Orlandi (2008, p. 35), “quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo”. Isto é, os discursos já têm vida, estão materializados na linguagem, o que fazemos é apenas reavivá-los.

O discurso, na perspectiva da AD, é efeito de sentidos, mostra-se no social ao envolver questões que vão além da ordem linguística. E Fernandes (2008, p. 61) explica esse fato ao afirmar que:

considerando a própria natureza do objeto, precisamos sair da materialidade linguística em questão para compreendê-la em sua exterioridade, no social, espaço em que o linguístico, o histórico e o ideológico coexistem em uma relação de implicância compreendidos como discursos.

Todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais e ideológicas dos sujeitos da linguagem. Esses sentidos só são produzidos e percebidos a partir do contexto histórico-social presente nas entrelinhas do discurso.

Por levar em consideração as condições de produção, nem os discursos nem os seus sentidos são fixos, pois sofrem o que Gregolin (*apud* ROSAS DE ARAÚJO, VIEIRA e XAVIER, 2013, p. 443) denomina de “movências de sentido”, a partir das transformações sociais e ideológicas que todo discurso sofre ao longo do tempo.

Sendo assim, é no interior das formações discursivas que as formações ideológicas se materializam e, para Brandão (1999), é por essas formações que os discursos são regidos.

Mas, o que é uma formação ideológica? Podemos dizer que seria um conjunto de posições que o sujeito ocupa em um grupo ou classes sociais de uma determinada formação discursiva. São posicionamentos ou pontos de vista dos quais o sujeito toma posse diante das formações discursivas. Estas são responsáveis por determinar o que pode e o que deve ser dito.

Uma FD não é um bloco fechado em si, homogêneo, conforme Pêcheux (*apud* SANTOS, 2013, p. 221): “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar”. Logo, é constituído por vários outros discursos com quem dialoga – interdiscurso – e que traz consigo um já-dito – memória discursiva. Segundo Orlandi (2008, p. 31), a memória discursiva “é aquilo que fala antes, em outro lugar independentemente” e aponta para o interdiscurso, que Dantas (2007, p. 22) esclarece ser os “dizeres dos outros perpassados no interior do discurso presente”. Ou

seja, para que façam sentido em “meu” discurso, é necessário que os enunciados já signifiquem. Conforme Orlandi (2008, p. 32), “o dizer não é propriedade particular”, ao contrário, as palavras significam através da História e da língua, logo o que já foi dito – e esquecido – em um determinado momento da História e lugar também significa em “nossas” palavras.

### **2.3 Sujeito discursivo x posições do sujeito**

Atravessado pela língua e pela História – ao qual Pêcheux (2008) concebe como estrutura e acontecimento – na apreensão dos efeitos de sentidos, o sujeito é visto pela AD como social. Para Fernandes (2008), ele é visto dessa forma exatamente por sua existência num espaço ideológico e social, bem como em um determinado momento histórico.

É importante verificar também que ele – sujeito discursivo – é uma posição. De acordo com Orlandi (2000), é uma espécie de “lugar” que ele ocupa para então ser sujeito do que diz. Esse sujeito é atravessado pela língua e pela História para se constituir e produzir sentidos e, por isso, a noção de assujeitamento.

Consoante com Fernandes (2008, p. 32), “o sujeito é produzido no interior dos discursos e sua identidade é resultante das posições do sujeito no discurso”. Tanto o sujeito quanto a identidade (tópico que veremos mais adiante) se caracterizam pela possibilidade de estarem sempre se movimentando e cada lugar que o sujeito ocupa o faz se mostrar de outra forma, atestando assim que nem sujeito nem identidade são “objetos” prontos e acabados.

Além disso, o sujeito é heterogêneo, pois seu discurso é atravessado por diversas vozes sociais. Dessa forma, verifica-se que o sujeito discursivo se constitui a partir da interação social que estabelece com os outros sujeitos, além de seu “atravessamento” pela língua e pela História, o que confirma o pensamento de Orlandi (2008) de que é sujeito de e sujeito à. Ou seja, ao mesmo tempo em que determina o seu dizer, também é determinado pela exterioridade na produção do seu discurso - o que já remonta aos estudos da terceira fase da AD que põe em crise esta noção de assujeitamento.

De acordo com Fernandes (2008), a AD passou por três fases de revisões e mudanças. Na primeira fase, o sujeito era visto como assujeitado, todavia, acreditando ser a fonte do seu discurso e, o discurso era o resultado de condições de produção estáveis e homogêneas. Na segunda fase, a AD inaugura a noção de formação discursiva, bem como a noção de interdiscurso. E, na terceira fase, abandona-se o pensamento sobre a homogeneidade em



relação às condições de produção, como também, a noção de assujeitamento, fazendo surgir várias indagações a respeito de uma redefinição da AD.

Orlandi (2008) numa releitura de Pêcheux afirma que o sujeito tem a ilusão da realidade do pensamento ao acreditar que é o centro do dizer e que pode controlar os sentidos do dizer. Afetados por esses dois esquecimentos, o sujeito não tem a noção de que a sua voz é constituída de outras vozes e que através de suas palavras outras são ditas (FERNANDES, 2008) e até mesmo o não-dito relacionado ao dito é necessário para a significação do discurso. Tais ilusões inerentes ao sujeito são fundamentais na produção dos efeitos de sentidos.

### **3 A NOÇÃO DE IDENTIDADE DO SUJEITO NO CONTEXTO PÓS-MODERNO**

Sendo bastante discutida na sociedade moderna por sociólogos e filósofos, a questão da identidade nos estudos culturais da pós-modernidade tem recebido várias conceitualizações, como forma de invalidar concepções antigas, mas que sem elas novas concepções não se sustentariam.

De acordo com Hall (2009, p. 104), “a identidade é um desses conceitos que operam ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas”.

Argumenta-se o fato de as velhas identidades terem entrado em declínio e, por isso, novas identidades surgiram. Segundo Hall (2006), o sujeito que, anteriormente, tinha uma identidade unificada, pautada na estabilidade, está se descentrando e, conseqüentemente, adquirindo várias identidades. É a “crise de identidade”, definida como parte de uma mudança, que está deslocando estruturas centrais da sociedade e desestabilizando o mundo social e individual do sujeito. Para o mesmo autor, é o processo de descentramento que está produzindo o sujeito moderno fragmentado, exatamente pelo fato de as sociedades modernas se caracterizarem por mudanças constantes. Na visão de Fernandes (2008, p. 32),

a identidade é apresentada como produto das novas relações sociopolíticas na sociedade e inacabada por não se esgotarem as transformações sociais que sofre. [...] as identidades dispõem de um caráter transitório, mutante, decorrente da perda da estabilidade e da fixidez para o sujeito deslocado, descentrado e constituído pelas relações discursivas.

Neste sentido, a identidade se apresenta de forma plural e, além de tudo, inacabada, como sendo um processo que se forma ao longo do tempo e permanece sempre incompleto.

Bauman (2005) afirma que uma identidade fixa, construída solidamente seria um peso. Para o autor, o comprometimento com uma só identidade por muito tempo se torna um processo arriscado.

Os processos de globalização influem diretamente na construção social da identidade, pois quanto maiores são as transformações sociais, maiores são as possibilidades de criação de novas identidades e, como consequência, a constituição de novos sujeitos. É por essa constituição que cada lugar que o sujeito ocupa faz com que se mostre diferente e assim assuma posições díspares e até mesmo contraditórias de acordo com cada posição que ocupa.

#### **4 AS AMÉLIAS DE ONTEM E HOJE: A MULHER DISCURSIVIZADA EM LETRA E MÚSICA**

Neste momento, apresentaremos a análise do *Corpus* que servirá como discussão analítica do sujeito à luz da AD francesa, tomando como referência o gênero canção.

##### **4.1 Ai que saudades da Amélia**

Lançado no início dos anos 40, “*Ai que saudades da Amélia*”, composta por Mário Lago, com melodia de Aaulfo Alves, é um marco do samba brasileiro<sup>2</sup>. Todavia, o samba que tem mais de 70 anos de sucesso foi desacreditado por vários cantores da época, tendo, por isso, sido gravado pelo próprio Aaulfo Alves. Vejamos a letra:

Ai que Saudades da Amélia

*Compositor: Aaulfo Alves / Mário Lago*

Nunca vi fazer tanta exigência  
Nem fazer o que você me faz  
Você não sabe o que é consciência  
Não vê que eu sou um pobre rapaz

Você só pensa em luxo e riqueza  
Tudo o que você vê, você quer  
Ai meu Deus que saudade da Amélia  
Aquilo sim que era mulher

As vezes passava fome ao meu lado

---

<sup>2</sup> O samba brasileiro é um subgênero do gênero canção. Entendemos a canção como um gênero até por concordarmos com o que Costa (2005, p. 107) afirma: “a canção é um gênero híbrido, de caráter **intersemiótico**, pois é o resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia).

E achava bonito não ter o que comer  
 E quando me via contrariado dizia  
 Meu filho o que se há de fazer

Amélia não tinha a menor vaidade  
 Amélia que era a mulher de verdade

Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/ataulfo-alves/ai-que-saudades-da-amelia.html>

A canção de Mário Lago e Ataulfo Alves retrata o perfil da mulher dos anos 1940. Uma mulher bastante simples, como diz o verso “*Amélia não tinha a menor vaidade*” e, portanto, com uma identidade cerceada, por se mostrar uma mulher submissa ao marido e às leis impostas pela sociedade, sem vez nem voz. As identidades, segundo Hall (2000, p. 109), “têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção daquilo no qual nos tornamos”. Sendo assim, a “Amélia”, atravessada histórico-culturalmente, só poderia ter esta postura de resignação, pois era o que o seu tempo a permitia. É a formação discursiva, estudada anteriormente neste artigo, em que ela está inserida que a permite ser apenas uma dona do lar, sem vaidades. Foucault (2010) reforça que o discurso é sempre controlado e selecionado e, mediante a interdição, não podemos falar tudo em qualquer circunstância. Dessa forma, a Amélia, arraigada pelo seu tempo, resignar-se.

Tal resignação deriva da sua vida, que era abdicada em função da dedicação à vida do outro, agradando-o e apoiando-o em todos os momentos da vida, inclusive nas dificuldades financeiras, como descreve a terceira estrofe: “*Às vezes passava fome ao meu lado/ E achava bonito não ter o que comer/ E quando me via contrariado dizia/ Meu filho o que se há de fazer*”. Esta postura ratifica o comportamento feminino dos anos 1940 que, segundo a História, essas identidades eram construídas em função de uma sociedade patriarcal, em que o homem era o centro, o “dominador” e a mulher, a “dominada”, educada apenas para cuidar dos afazeres domésticos, com uma única “liberdade”: ir à igreja (DEL PRIORE, 2006).

Por outro lado, é possível falar na cultura falocêntrica é a que promove uma posição de destaque à figura do homem. Nessa perspectiva, é ele, o homem, quem possui o direito de dominar, de se sobressair. Esta dominação é um fato construído sócio-historicamente, ou seja, vem sendo posto em atividade por muitas e muitas gerações.

De acordo com Bourdieu (2003, p. 18),

a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem

social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos e longos períodos de gestação, femininos.

Mediante as palavras de Bourdieu, verificamos que ao homem são conferidos, dentro de uma ordem social, todos os privilégios possíveis em detrimento da mulher. A posição de “soberania” é evidenciada, colocando o ser detentor do falo em um ambiente de prestígio, de auto-afirmação.

Entretanto, conforme a canção “*Ai que saudades da Amélia*”, podemos perceber que uma nova imagem da mulher estava surgindo: Aquela que só pensava em “luxo e riqueza”, advinda da sociedade burguesa e que ganhara força com o advento do capitalismo e o forte crescimento da indústria. No entanto, o “padrão” ideal de mulher ainda era aquela dona do lar, solidária e omissa consigo mesmo. Isso se justifica, talvez, pelo fato de culturalmente estar enraizado, desde cedo na educação das crianças – quando a menina só pode brincar de casinha e boneca e o menino só pode brincar de carrinho e bola – que o papel da mulher fixa-se em zelar pelo lar.

A omissão também agregava principalmente os seus desejos. Afetivamente, a mulher era vista como puro objeto de prazer. A coisificação da mulher a impedia – também porque não era permitido pelas regras da sociedade e pelas leis da Igreja – de sentir qualquer tipo de prazer, pois a mulher era um sujeito subalterno, o que é fruto de processo histórico. Isso nos remete a passagem bíblica, do livro de Gênesis 2:21-23<sup>3</sup>, que cita a criação de Eva a partir da costela de Adão, o que enfatiza o processo de inferiorização do sujeito mulher.

Torna-se claro, que desde os tempos bíblicos e pelos seus escritos, que a mulher sempre sofreu de uma submissão efetiva em relação ao ser masculino. No entanto, na contemporaneidade os avanços tecnológicos também produzidos modificaram as atitudes em relação ao trato com as pessoas humanas, a saber homem e mulher. Neste sentido, pensar o homem hoje não é pensá-lo numa perspectiva de sujeito detentor de conhecimento

---

<sup>3</sup> <sup>21</sup>Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; <sup>22</sup>E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. <sup>23</sup>E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada.  
Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2>

unicamente e, portanto, com direitos que evidenciam uma noção de superioridade em detrimento da relação com o sexo oposto.

Sendo assim, também não é mais, hoje, possível enxergar a mulher como alguém que é hierarquicamente colocada inferior ao homem, sem vontades nem desejos. Isso porque os dias atuais trouxeram novos estados comportamentais. Este é o ponto que iremos discutir no próximo subtópico, a saber uma possível desconstrução da Amélia à luz da letra da canção de Pitty.

## 4.2 Desconstruindo Amélia

Composta em 2009, a música de Pitty e Martin, inserida no álbum Chiaroscuro, do mesmo ano, descreve a mulher da atualidade, a nova “Amélia”. De acordo com o blog de Verônica Neves, para a própria Pitty<sup>4</sup>, a música nasceu da curiosidade de investigar ‘como seria a Amélia do século XXI?’. Para tanto, eis a letra da música:

### Desconstruindo Amélia

*Compositor: Pitty e Martin*

Já é tarde, tudo está certo  
Cada coisa posta em seu lugar  
Filho dorme, ela arruma o uniforme  
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada  
Ela foi educada pra cuidar e servir  
De costume esquecia-se dela  
Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente  
Todo dia, até cansar  
E eis que de repente ela resolve então mudar  
Vira a mesa,  
Assume o jogo

---

<sup>4</sup> A continuidade do posicionamento de Pitty pode ser conferida no fragmento a seguir: “Depois de queimar o sutiã, obter direito ao voto e passar a exercer cargos de comando em poderosas empresas, como sentem-se hoje as mulheres? Aliviadas por terem mais autonomia ou sobrecarregadas porque além dos afazeres domésticos acumulam a função de sustentar uma casa? Pesquisei, e não pude deixar de (re) ler O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir; obra esta que me ajudou a clarear os pensamentos e a trazer para a música a seguinte frase: “Já não quer ser o Outro, hoje ela é Um também.” A Amélia de Ataulfo e Mario Lago mudou. Aquela que “era mulher de verdade e que não tinha a menor vaidade” hoje se desdobra entre a delicadeza de saber preparar uma refeição e a garra de acordar cedo pra ir trabalhar e tomar decisões. E, claro, se por acaso der pra fazer as unhas no intervalo do almoço, melhor ainda”.

Disponível em: <http://poeticadepensee.wordpress.com/?s=dia+da+mulher&submit=Pesquisa> Acesso em 07/01/2014.

Faz questão de se cuidar  
 Nem serva, nem objeto  
 já não quer ser o outro  
 hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado  
 Ganha menos que o namorado  
 E não entende o porquê  
 Tem talento de equilibrista  
 ela é muitas, se você quer saber

Hoje aos trinta é melhor que aos dezoito  
 Nem Balzac poderia prever  
 Depois do lar, do trabalho e dos filhos  
 Ainda vai pra night ferver

Disfarça e segue em frente  
 Todo dia, até cansar  
 E eis que de repente ela resolve então mudar  
 Vira a mesa,  
 Assume o jogo  
 Faz questão de se cuidar  
 Nem serva, nem objeto  
 já não quer ser o outro  
 hoje ela é um também

Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/pitty/desconstruindo-amelia.html>

A “Amélia” do século XXI é um sujeito independente, dono de várias identidades, devido às várias funções que esta nova mulher adquiriu (a função de mulher, amante, profissional, mãe e dona de casa demonstradas na música), diante da necessidade de realizar-se plenamente: “*Tem talento de equilibrista/Ela é muitas se você quer saber*”.

Com o advento dos movimentos feministas<sup>5</sup> a partir dos anos 60, as mulheres travaram muitas lutas em busca de reconhecimento e direitos iguais. Inconformadas com tantos preconceitos e com preceitos impostos de que a mulher era criada para casar, agradar ao marido (submetendo-se às suas vontades) e cuidar do lar e dos filhos, buscaram nas ruas o direito de votar, de participar do mercado de trabalho e obter iguais salários aos dos homens - o que ainda não acontece efetivamente – “*A despeito de tanto mestrado/ Ganha menos que o namorado/ E não entende o porquê*”.

---

<sup>5</sup> De acordo com Alves e Pitanguy (2003, p. 09), “o feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados”.

Segundo Azeredo (2011), mesmo a mulher conseguindo seu espaço, ainda é de sua inteira responsabilidade o trabalho doméstico, assumindo então uma dupla jornada de trabalho. Com a globalização e os avanços tecnológicos, a mulher conquistou, na esfera do trabalho, cargos elevados, antes nunca ocupados pela classe. A exemplo disso, hoje temos uma presidente administrando o país – Dilma Roussef –, temos uma mulher à frente da secretaria de Estado do Rio de Janeiro – Adriana Scorzelli –, um dos estados mais violentos do Brasil. A nova Amélia provou que é capaz de assumir diversos papéis e encontrar um tempo para si como nos mostram os seguintes versos: *“Depois do lar, do trabalho e dos filhos/ Ainda vai pra night fever”*.

Consequentemente, podemos perceber que o ser mulher da atualidade ancora-se sob duas perspectivas: a mulher que avançou e conquistou a sua posição na sociedade e a mulher que com toda a sua evolução ainda é responsável por toda a administração doméstica. É o que Hall (2006) denomina de “Fragmentação de identidade”. As identidades homogêneas, que estabilizavam o mundo social, passaram pelo processo de fragmentação diante do fenômeno da globalização.

A Amélia dos anos 40 contraposta com a Amélia da contemporaneidade, vive um processo de fragmentação e de abertura para novas identidades. De acordo com Vecchi (*apud* Bauman, 2005, p. 13), “o recurso da identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar-se”.

A partir disso, questionamos até que ponto a mulher quis deixar de ser a “Amélia”? Ora, a mulher ainda defende alguns movimentos comportamentais masculinos como o homem abrir a porta do carro ou pagar a conta do restaurante. Ela não deixou, nem tampouco almejou deixar de ser feminina e de ser independente ao passo de parar de receber gestos de cavalheirismo. Porém, ela abdicou de uma postura, em que era vista como um ser inferior, como escreve os versos: *“Faz questão de se cuidar/Nem serva, nem objeto/Já não quer ser o outro/Hoje ela é um também”*.

Conforme Florêncio *et al* (2009, p. 25), “todo discurso é uma resposta a outros discursos com quem dialoga, reiterando, discordando, polemizando”. A música de Pitty traz uma construção, desconstrução e reconstrução ponderada, à medida que retoma a mulher dos anos 40, reiterando e ressignificando pela memória discursiva o que já fora dito, pois para Pêcheux (*apud* SANTOS, 2013, p. 232), todo enunciado pode tornar-se outro ao se deslocar discursivamente.

Do ponto de vista da construção, ela (Pitty) abre um novo perfil feminino, configurado a partir de uma desconstrução da Amélia dos anos 40 (a mulher de ontem é diferente da de

hoje) e, por isso, a reconstrução ocorre, oferecendo espaços para a abertura de novas identidades que constituem a mulher de hoje. Essa reconstrução só é possível porque existiu anteriormente a construção que serviu de base para a constituição desse novo processo.

Podemos verificar que essa mulher atual não rompe absolutamente com a antiga Amélia, pois ela não se nega às suas responsabilidades, nem tampouco se fecha para uma ação masculina mais ativa e afetiva. Ela desconstrói a mulher de outrora porque quebra paradigmas, mas isso não quer dizer que houve uma separação total com a identidade anterior. Entretanto, ela se reconstrói, trazendo para si outras possibilidades de vivência, bem como novas atribuições que lhe foram conferidas na modernidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos nosso trabalho levando em consideração os objetivos assumidos na pesquisa. Refletimos teoricamente a respeito dos conceitos e de fato, o sujeito se constrói pela perspectiva da AD francesa mediante as suas relações mais que conectivas entre História, Língua e Sociedade.

Do ponto de vista da movência dos discursos em função das identidades requeridas das Amélias produzidas em 1940 e 2009, identificamos que, de fato, a mulher de 40 justificava o que histórica e culturalmente conhecia e se permitia em relação à mulher: ser a dona do lar. Em relação a mulher inserida no contexto contemporâneo, percebemos a evolução desse sujeito como forma de ir ao encontro da sociedade atual em que vivemos, a qual se mostra movediça e instável.

Tal estudo nos permitiu, ainda que sutilmente, fazermos esta análise em um contexto de nível de graduação, o que sugere para trabalhos futuros um aprofundamento maior entre o estudo da AD francesa dentro das identidades femininas em gêneros discursivos diversos.

## **ABSTRACT**

Our research intends to show how the female identity has been built on Brazilian popular music, through the lyrics of the songs “Aí que saudades da Amélia”, by Mário Lago and Ataulfo Alves, from the 40’s, and “Desconstruindo Amélia”, by Pitty and Martin, from 2009, in order to verify how the Subject, Language and History have influenced the movements regarding female identity. Such analysis will be made through the French discourse analysis, using authors such as Pécheux (2008), Foucault (2008), and Orlandi (2007), in addition to Bauman’s (2005) and Hall’s (2000 and 2006) studies on post modern identity. To do so, we made use of a descriptive analytics research, through discursive readings about the lyrics.



Such readings show that, in our times, female identity has suffered a process of construction, deconstruction and reconstruction regarding what it means to be a woman on the 21st century.

**Keywords:** Discourse Analysis, Feminine Identity, Brazilian Popular Music.

## REFERÊNCIAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

AZERÊDO, S. *Preconceito contra a mulher: diferença, poemas e corpos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BASSANEZI, C. B.; DEL PRIORE, M. (Org.). Mulheres dos anos dourados. In. DEL PRIORE, M. (Org.). *Histórias das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 7. ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1999.

COSTA, N. B. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In. DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

DANTAS, A. M. *Sobressaltos do discurso: algumas aproximações da análise do discurso*. Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

DEL PRIORE, M. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Paulo: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FLORENCIO, A. M. G. *et al. Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Maceió, EDUFAL, 2009.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NAVARRO, P. Mídia e identidade: O novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos - SP: Claraluz, 2008, p. 89-100.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas - SP: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

ROSAS DE ARAÚJO, P. S.; VIEIRA, P. A.; XAVIER, M. M. A discursividade em títulos de matérias do webjornalismo paraibano. In: LUCENA, I. T.; OLIVEIRA, M. A. (Orgs.). *Discurso, Sociedade e Cultura: Encontro de Pesquisadores de Estudos Discursivos*. João Pessoa: Ideia, 2013, p. 437-451.

SANTOS, S. S. B. Pêcheux. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 209-234.